

Credor aumenta reservas em US\$ 4,1 bi

Nova Iorque — Os três principais bancos americanos, Chase Manhattan, Manufacturers Hanover e J.P. Morgan anunciaram esta semana aumentos de US\$ 4,1 bilhões em suas reservas, reagindo desta forma ao não pagamento de juros pelo Brasil.

Ao realizar a operação, os banqueiros admitiram, abertamente "que estão com receio de perder dinheiro emprestado ao Terceiro Mundo", como informou uma fonte do Instituto de Finanças Internacionais (IFI), associação que agrupa os principais bancos que operam nos países em desenvolvimento. Este aumento de reservas é um sinal claro de que os bancos não farão novos empréstimos, o que inclui o Brasil.

"Quando um devedor não paga, não se empresta mais dinheiro para ele com facilidade", acrescentou a fonte do IFI. Ao anunciar o aumento de reservas em seu banco, o presidente do Morgan, Lewis T. Preston, também criticou, abertamente, o Plano Brady, "está criando grandes expectativas entre os países devedores", comentou.

Se esse movimento de aumento

de reservas continuar na próxima semana, somado ao que fizeram os banqueiros europeus, elevando em 50% sua reserva em relação aos empréstimos, os especialistas acham que pode haver um endurecimento dos banqueiros, com os países devedores, especialmente os da América Latina.

Negociações

Depois do acordo do México com os bancos credores, Costa Rica, Uruguai e Venezuela estão agora negociando a redução de suas dívidas em Nova Iorque. O clima das negociações é conturbado. Especialmente no caso da Venezuela. O presidente do país, Carlos Andrés Pérez, quer uma redução de 50% no total da dívida.

Observadores acham que um boicote dos bancos ao Plano Brady, e um atraso nas negociações podem levar o problema da dívida externa da América Latina a uma situação de maior conflito. A acumulação de atrasos nos pagamentos foi o que levou os bancos americanos a aumentarem suas reservas.

Para o presidente do banco Morgan, essa situação emerge do centro dos países individuados:

"Eles esperam do Plano Brady um alívio superior ao que os governos das nações industrializadas podem dar", por intermédio de instituições oficiais como o FMI.

O banqueiro acrescentou que o tratamento dado ao problema dos países individuados pelo Governo "é bem diferente da concepção dos seus colegas (banqueiros).

"Argentina e Brasil mostraram problemas tão grandes, que os bancos concordaram em dar para estes dois países condições iguais as do México. Disse Lawrence Krohn, economista da empresa Shearson Lehman Hutton.

A Argentina está em moratória há meses, com uma dívida total de cerca de US\$ 60 bilhões. O Brasil deixou de pagar na semana passada os juros que devia no valor de US\$ um bilhão e 600 milhões, enquanto a dívida total do Brasil supera os US\$ 120 bilhões.

A interrupção de novos empréstimos a esses países seria mais um golpe duro ao Plano Brady, que inclui exatamente, junto ao problema de reduzir a dívida, a questão da retomada do desenvolvimento econômico.